

## **De fantasma do mar a gigante da colina: A incorporação do navegador Vasco da Gama pela torcida cruzmaltina**

## **From a ghost of the sea to giant of the hill: The incorporation of the navigator Vasco da Gama by cruzmaltiners**

Pamela Tavares Monteiro<sup>1</sup> ([pamelamont@hotmail.com](mailto:pamelamont@hotmail.com))

**Resumo:** O presente trabalho, sob abordagem pós-colonial, apoiado na metáfora do fantasma proposto por Margarida Ribeiro e das frestas propostas por António Simas e Luiz Rufino, objetiva analisar como as corporificações dos discursos das torcidas organizadas do Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG) transformou o colonizador do índio Vasco da Gama em símbolo de luta pelas equidades político-sociais, contrariando a história e elementos oficiais. Para tal, a etnografia virtual foi utilizada nas quatro redes sociais oficiais do CRVG (Instagram, You Tube, site oficial do CRVG e Facebook) entre os anos de 2020 e 2025. Os dados apontaram que as corporificações dos torcedores cruzmaltinos são caracterizadas pelas origens coloniais e contra-coloniais coexistentes na história do clube.

**Palavras-chave:** corporeidade e futebol, estudos pós-coloniais e corpo, fantasmagoria no futebol

**Abstract:** This work, from a post-colonial approach, based on the metaphor of the ghost proposed by Margarida Ribeiro and the gaps proposed by António Simas and Luiz Rufino, aims to analyze how the embodiments of the discourses of the organized supporters of Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG) transformed the Indian colonizer Vasco da Gama into a symbol of the struggle for political and social equality, contrary to history and official elements. To this end, virtual ethnography was used on CRVG's four

---

<sup>1</sup> Pamela Tavares Monteiro, Doutoranda em Pós-colonialismos e Cidadania Global (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra), bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia sob o número de referência 2024.01616.BD. Residente na Travessa do Cabido, Sé Nova, Coimbra, número 3, Código Postal: 3000-088. E-mail: [pamelamont@hotmail.com](mailto:pamelamont@hotmail.com); ORCID ID: [0000-0001-9380-0370](https://orcid.org/0000-0001-9380-0370).

official social networks (Instagram, You Tube, CRVG's official website and Facebook) between 2020 and 2025. The data showed that the embodiments of Cruzmaltinos fans are characterised by the colonial and counter-colonial origins that coexist in the club's history.

**Keywords:** corporeality and football, postcolonial studies and the body, phantasmagoria in football

## Introdução

As agremiações desportivas no Brasil, surgidas no início do século XX, se deram como uma forma de interação, entretenimento e expansão das elites brasileiras (Santana, 2021). Ao voltarmos nossa atenção para o estado do Rio de Janeiro, percebemos a importância destas agremiações na disseminação de valores, elementos culturais, mitos e histórias capazes de construir uma cultura clubista, onde as estéticas, mitos, musicalidades, hábitos culturais e corporeidades são expressas através das cores, escolha dos uniformes, e significações das festas comemorativas (*ibid*).

Neste contexto, destacamos aqui a história do Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG) que chama atenção entre os demais, no que diz respeito aos estudos culturais e desportivos, por ter sua origem associada a imigração portuguesa para o Brasil no início do século XX. Além do que, é caracterizado com uma ambiguidade histórico-discursiva composta tanto por momentos de valorização da origem colonial como também por promover ações e direcionamentos administrativos a favor das equidades político-sociais.

A vida do navegador que nomeia o clube, se inicia em 1469, em Sines, Portugal, num dia o qual jamais foi documentado. Um dos poucos escritos sobre a vida do almirante Vasco da Gama foram realizados pelo médico e historiador português Augusto Carlos Teixeira de Aragão que o descrevia como um estudante de matemática e técnicas marítimas em Évora (Aragão, 1871).

Vasco da Gama com a ajuda do navegador e cartógrafo árabe do século XV, Ahmad ibn Majid, conseguiu realizar sua expedição de chegada histórica na Índia, gerando uma série de modificações comerciais que fortaleceram a economia portuguesa a custo da escravização e exploração de pessoas no Índico (Tibbetts, 1972).

A busca pelo além mar, protagonizada pelas navegações européias ao redor do mundo, no século XVI, iniciaram um projeto para o “Novo Mundo”, o qual instaurou uma série de formas bem específicas de perceber o mundo e os seres que nele habitavam, levando o pensamento e a epistemologia cosmológica europeia.

Como nos aponta Margarida Ribeiro (2004), foi uma busca pelo centro, ou seja, se tornar a referência ontológica e cosmológica fundante de todas as outras. Assim, foi criado o conceito do “outro”, aquele não europeu, originando uma linha imaginaria capaz de distinguir o “nós” - cristãos, europeus e portugueses - que detinham o poder epistemológico e econômico, e os “outros”, composto pelos grupos dominados, subalternizados quanto a suas epistemologias, cosmologias e formas de viver (Ribeiro, 2004).

No Brasil, os projetos coloniais foram iniciados através da ocupação colonial portuguesa, iniciada por Pedro Alvares Cabral em 1522, a qual instaurou elementos que centralizaram e hierarquizaram as epistemologias e ontologias de origem lusófona, onde os conceitos de humanidade, fronteira, raça, gênero, religião e outros foram impostos na dinâmica colonial para com os escravizados da época.

Neste trabalho, o foco de atenção se inicia séculos depois, no ano de 1898, fase marcada pela transição do Brasil Império para o Brasil República, onde a escravização acabara de ocorrer na ex-colônia e a primeira constituição fora criada, ou seja, a maior parte da população vivia sem sistemas de saúde, assistência social e sem sistemas educacionais. Os “ex-escravizados”, pessoas negras e/ou pobres, viviam em busca de trabalho, construindo moradias nas atuais favelas e tentando assimilar o que viria a ser a liberdade (Santana, 2021).

Neste contexto, especificamente, no estado do Rio de Janeiro, as agremiações clubísticas das elites cariocas, maior parte composta por corpos brancos, detinham o poder dos clubes e instituições esportivas. O esporte mais praticado da época entre as elites era o Remo, o que, no ano de 1898, corroborou para que um grupo de 62 rapazes, imigrantes portugueses e lusodescendentes, reunidos no bairro da Saúde na zona norte criasse seu clube de remo com o nome Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG) que para estes era uma forma de homenagear os 400 anos da viagem do almirante homônimo à Índia (Santana, 2021).

Vale destacar que o CRVG ao longo dos anos desenvolveu profissionalmente inúmeras modalidades desportivas como basquete, remo, atletismo, entretanto, neste trabalho destacaremos a história do futebol que foi onde o clube ganhou o atual “status quo” que o mantem na elite dos clubes brasileiros tanto por seu desempenho em campo como também por ser caracterizado como um clube detentor de uma torcida ativa para com as lutas pelas equidades sociais, raciais e políticas.

Neste quesito, a problemática que nos intriga é a de que como um navegador do tempo da expansão marítima, ligado a escravização de milhares de pessoas no tempo colonial, foi corporificado pela torcida do CRVG, também chamada de cruzmaltina<sup>2</sup>, como sendo sinônimo de luta, conquista, superação e união de milhares de brasileiros negros e não-negros que se identificam com o Clube de Regatas Vasco da Gama.

Com o intuito de nos debruçarmos sobre esta questão, sob perspectiva dos estudos pós-coloniais, nos apoiamos na metáfora de fantasma proposta por Margarida Ribeiro (2004) relacionada com o conceito de frestas proposto pelo filósofo António Simas e o pedagogo Luiz Rufino (2018, 2019). Assim, o objetivo deste estudo é analisar como as corporificações do discurso da torcida organizada do CRVG transformou o colonizador Vasco da Gama em símbolo de luta pelas equidades.

A metodologia escolhida é a de uma etnografia virtual onde foram analisados os conteúdos dos discursos expostos pelos torcedores, bem como pelo próprio Clube nas quatro redes sociais oficiais do CRVG (Instagram, You Tube, site oficial do CRVG e Facebook) entre janeiro de 2020 e dezembro de 2024.

Para discussão e apresentação dos resultados, este trabalho foi dividido em 3 tópicos onde o primeiro se volta para um comparativo da história do navegador para com a história do Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG); o segundo tópico aborda a metodologia elencada, sendo seguida do terceiro tópico, caracterizado pela discussão dos encontrados nas redes sociais, tratando da problemática já referida, tendo por fim as considerações finais.

---

2 O termo cruzmaltino se refere ao símbolo principal do CRVG chamada Cruz de Malta, originária da Cruz de Cristo utilizada no tempo das navegações.

**Tu tens o nome do heroico português Vasco da Gama, a tua fama assim se fez no mar**

Inicialmente, podemos afirmar que pouco se pesquisa e/ou se sabe sobre o almirante português que morre em Cochim, na Índia, no dia 24 de dezembro de 1524 aos 55 anos de idade, onde chegou a ser vice-rei. Entretanto, a história nos revela a importância do intercâmbio comercial para com as Índias na criação de um estilo de vida mais confortável para as elites europeias, não só pelas especiarias, mas também pelos tecidos e pedras preciosas. As vias de acesso do ano de 1415 na rota Europa-Índia eram cada vez mais precárias: no Mediterrâneo haviam os navegadores árabes, no Egito haviam ataques às navegações, na Ásia Menor os navegadores turcos muçulmanos visavam expansão (Aragão, 1871).

Nesse contexto, a criação do “outro”, diferenciando os grupos dominantes dos dominados e categorizando os dominantes, em suma, cristãos navegadores em portugueses, franceses, italianos e etc., foi fundamental para justificar a expansão marítima e comercial “portuguesa” que começou em 1415, no reinado de D. João I, quando as tropas portuguesas tomaram Ceuta (atual Marrocos) no Norte da África. Três anos depois ocuparam o arquipélago da Madeira. Nessa época, estes navegadores cristãos (portugueses, franceses, italianos e espanhóis) de várias nacionalidades trabalhavam para o governo de Lisboa, por causa do empenho do Infante D. Henrique (1394-1460) em expandir as expedições marítimas (Fonseca, 1997).

Este, por sua vez, em 1416 fundou, no litoral sul do país, a Escola de Sagres, onde se reuniam matemáticos, cartógrafos navegadores e estudantes. Através dela, diversas expedições partiram para reconhecimento da costa africana, o que fez com que em 1454, o Papa Nicolau V reconhecesse os direitos portugueses sobre todas as terras e riquezas atingidas e ocupadas devido a expansão da fé cristã para estas (Fonseca, 1997).

Ademais, com a morte de Infante D. Henrique em 1460 há uma trégua nas viagens para novas invasões. Nove anos depois, em Sines, na região do Alentejo, nasce Vasco da Gama por volta de 1469, o filho ilegítimo do navegador Estevão da Gama, casado com Dona Maria Isabel Sodré. Com uma infância marcada pelo convívio com marinheiros e viagens marítimas, aos doze anos Vasco da Gama viu em 1481, D. João II reabrir as atividades em busca de novas invasões coloniais (Fonseca, 1997).

Ao completar 18 anos, já estava iniciado na arte da navegação, já atravessara o Mediterrâneo e visitara a cidade de Tânger, no Marrocos, conquistada pelos portugueses. Como marujo, era encarregado de policiar os portos portugueses na costa africana e defendê-los contra os navios de origem não cristã (Fonseca, 1997).

Em 1487, o rei D. João II resolveu designar Vasco da Gama para comandar a expedição para as Índias, a qual com a ajuda de Majid, se concretizou no dia 20 de maio em Calicute, na Índia, onde os navegadores portugueses fincaram um novo marco (Fonseca, 1997).

Vasco da Gama entregou ao Samudrim, soberano do Malabar, uma carta do rei de Portugal, em que solicita liberdade de comércio para os lusos. Estava descoberta a nova rota do comércio que dava acesso direto às riquezas do Oriente, quebrando assim o monopólio dos árabes e venezianos. Em 1499, Vasco da Gama realiza a viagem de volta para Lisboa, com as embarcações repletas de especiarias, tecidos e pedras preciosas. Em 1502 recebeu o título de Almirante do mar da Índia (Fonseca, 1997).

Após este feito, Vasco da Gama volta a viver em Évora e durante algum tempo, se torna conselheiro marítimo do rei, o que o inspirou a regressar a Índia em 1502 com vinte embarcações e armamentos para colonizar a região da Vidigueira, onde se tornou, em 1519, conde. Em 1524, a terceira viagem de Vasco da Gama às Índias se deu pois em Calicut haviam muitos movimentos de resistências locais, as quais Dom Duarte de Menezes, governador da época não conseguiu sozinho conter. Vasco também conseguiu um tratado favorável aos portugueses em Cochim recebendo o título de vice-rei da Índia pouco tempo antes de seu falecimento no dia 24 de dezembro de 1524 (Fonseca, 1997).

### **Na terra**

Após isso, muitas fantasias foram criadas sob este navegador, visando manter a valorização da história colonial, o que resultou na criação de um herói fantasmagorizado para o mundo lusitano. Em Portugal, este foi representado em monumentos históricos, museus e literatura, especialmente através obra do português Luís de Camões, *Os Lusíadas*, enquanto que no Brasil, o almirante português foi reimaginado em terras cariocas, com a criação do Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG) em 1898.

Neste mesmo ano, também ocorrera a transição do Brasil Império para o Brasil República onde a escravização acabara de ocorrer e a primeira constituição fora criada, ou seja, a maior parte da população – negros, mestiços e “ex-escravizados”, ainda vivia sem atenção socio-política, onde a maior parte sobrevivia conseguindo trabalhos incertos, construindo moradias nas atuais favelas e tentando assimilar o que viria a ser a liberdade (Santana, 2021).

Assim, como a maioria dos fundadores do CRVG eram comerciantes e donos de pequenos negócios no norte do Rio de Janeiro, muitos dos sócios, atletas e funcionários do CRVG eram compostos por estas pessoas. Ainda em 1904, o CRVG elegeu Cândido José de Araújo (Imagem 1), o "Candinho", o qual se tornou o primeiro presidente negro de clubes brasileiros. Na gestão de Candinho, o CRVG conquistou os seus primeiros títulos na história, ainda no remo: o bicampeonato carioca de 1905 e 1906.



**Imagem 1.** Cândido José de Araújo, também conhecido como “Candinho”, primeiro presidente negro de clubes brasileiros (Fonte: Secção “Linha do Tempo” presente no site oficial do CRVG).

Sendo assim, o surgimento do CRVG se deve sobretudo e estes dois polos de interesses socio-económicos. Por um lado, os comerciantes portugueses e lusodescendentes que representavam boa parte da população carioca que viram no

clube uma oportunidade de manter, alinhar e expandir as agremiações lusófonas através dos mercados e investimentos nos jogadores (dentre eles pretos, pardos e brancos pobres), por outro, os proletários que vislumbravam na modalidade esportiva uma chance de ascensão social (Santana, 2021).

Assim, os comerciantes portugueses fizeram do CRVG, um espaço esportivo utilizado para o desenvolvimento político-econômico luso-brasileiro, articulando relações de trabalho ao esporte. De acordo com Antonio Jorge Gonçalves Soares (1999), o papel do CRVG foi fundamental na inserção de membros das camadas populares no futebol, pois a vida esportiva significava ascensão social e movimentação econômica para a comunidade a sua volta.

Tal fato, juntamente com o constante diálogo entre os setores administrativos e os torcedores que ativamente reivindicam espaços e contribuições, criam uma série de ações, convívios, memórias e tradições que fazem ser impensável re-nomear o nome do time, mesmo não sabendo muito sobre a vida do navegador que permanece sendo a imagem principal.

Afinal, de acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu, o esporte deve ser compreendido como um fenômeno moderno que possui algumas características que lhe são próprias: calendário relativamente autônomo, corpo técnico profissional, entidades representativas, um mercado multifacetado, entre outros (Melo, 2014, p. 201).

Desta forma, a história do CRVG o atribuiu uma identidade luso-brasileira disforme, onde o corpo do colonizado e do colonizador coexistem de forma recriada, onde elementos de valorização colonial dividem espaço com as histórias de lutas pelas equidades e de acesso ao mundo desportivo.

### **A navegar pela união Brasil Portugal: Etnografia virtual**

A problemática encarada neste trabalho é a do paradoxo presente na história e tradição do CRVG presente nos discursos e corporificações que estão em voga no cotidiano dos torcedores, em especial o nome do navegador e também do time. “Vasco foi meu primeiro amigo”, “é o meu amor mais antigo” “Nasci para te seguir”, “sempre estive contigo”. Os torcedores do clube lidam com uma espécie de fantasia que se utiliza

de termos presentes nas várias histórias do navegador português para caracterizar a história do clube, gerando uma espécie de colaboração atemporal.

Assim, sob perspectiva dos estudos pós-coloniais, nos apoiamos na metáfora de fantasma proposta por Margarida Ribeiro (2004) relacionada com o conceito de frestas proposto pelo filósofo António Simas e pelo pedagogo Luiz Rufino (2018, 2019), a metodologia elencada é a da etnografia virtual, sugerida por Kozinets (2010).

As redes e mídias sociais proporcionam um meio de expandir as informações, analisar discussões e verificar a recorrência de opiniões de seus usuários (Mendonça, 2012). Assim, a etnografia virtual propicia uma forma de conhecer por meio da experiência pessoal, proporcionando três principais facilidades: a possibilidade de aprofundar o conhecimento sobre o grupo através do próprio ambiente virtual, evitando possíveis mudanças de comportamento; a facilidade de prescindir da transcrição visto que as conversas, vias de regra, são registradas por meio de texto, deixando o pesquisador em melhores condições de analisar outros elementos do contexto em que está inserido.

Além do que, segundo Kozinets (1997), a etnografia virtual ou netnografia torna-se menos subjetiva do que a etnografia tradicional porque é possível abarcar registros de vários tipos de materiais coletados on line, ou “artefatos”, tais como imagens, arquivos de áudio e vídeo, troca de e-mails, registros das conversas públicas e particulares através do metaverso.

Assim, foram realizadas as seguintes etapas e procedimentos metodológicos: o Entrée – ou entrada em campo que envolve a definição da questão problema e a identificação da comunidade a ser estudada, onde o objetivo deste trabalho foi definido como sendo o de analisar como as corporificações do discurso da torcida organizada do CRVG transformaram o colonizador Vasco da Gama em símbolo de luta pelas equidades.

Na primeira etapa da etnografia virtual, foi adotada uma modalidade de observação não participante, onde foram elencadas as quatro redes sociais oficiais do CRVG (Instagram, Youtube, site oficial e Facebook). Posteriormente, a coleta de dados foi realizada, entre janeiro de 2023 e dezembro de 2024, através das análises dos discursos expostos por parte do CRVG, bem como dos torcedores que comentavam e curtiam as publicações, o que caracterizou a observação participante e/ou flutuante, implicando também na manutenção do diário de campo.

Após isto, iniciou-se a análise dos dados – que envolveu o processo de classificação, decodificação e significação dos dados, através da análise do discurso (Bardin, 2011), onde houve a compreensão dos significados no contexto da fala dos torcedores e veículos oficiais, partindo da análise das frequências das falas e palavras como critério de objetividade e científicidade e ultrapassando o alcance meramente descritivo da mensagem/discurso para atingir, mediante inferência, uma interpretação mais profunda (Minayo, 2007). Tais análises, possibilitaram a última fase, caracterizada pela Escrita da lente interpretativa proporcionada pelos dados encontrados.

### **O fantasma do mar mora na colina**

De acordo com o observado nas redes sociais do CRVG, as corporificações das torcidas cruzmaltinas se dão a partir dos discursos que possuem três elementos principais. Sendo eles: a) utilização da imagem do navegador Vasco da Gama como fantasma símbolo de um futebol para/pelas equidades; b) constante valorização das vitórias históricas do time nos campeonatos nacionais e internacionais ao longo dos anos; c) ênfase no protagonismo das torcidas organizadas para com as ações voltadas para as equidades político-sociais. Estes três elementos serão abordados no capítulo posterior.

### **A categoria fantasmagórica e criação de um herói**

Inicialmente, destacamos que em todas as fontes de busca, a estética do CRVG é baseada e fundamentada pela imagem do navegador Vasco da Gama. O fato que nos chamou atenção foi o de que a história do almirante que nomeia e constrói toda a identidade estética do clube não possui nenhum destaque em nenhuma das redes sociais, ao mesmo tempo em que sua imagem continua a ser utilizada sem nenhuma contextualização do que fora a sua vida.

A exemplo temos a paródia do MC Darlan e Mc Karen amplamente disseminada pelas redes sociais e cantada pelos torcedores nas partidas de futebol do clube e em eventos recreativos do estádio São Januário que diz em um dos trechos:

O Vasco sempre foi minha vida

Foi meu primeiro amigo

Domingo o meu pai me dizia

Vamos pra São Januário

De forma similar a torcida Força Jovem Vasco, tem o canto de guerra “De todos os amores” que afirma:

De todos os amores que eu tive,

é o mais antigo

O Vasco é minha vida, minha história,

o meu primeiro amigo

Quem não te conhece, me pergunta por que eu te segui

(Porque eu te amo!)

Eu levo a cruz-de-malta no meu peito desde que eu nasci

(E eu não paro!)

Estes são apenas dois exemplos do que nos pareceu ser uma recriação que funde a vida do navegador com a história do clube. Afinal, o Vasco mencionado nas canções se trata duplamente do navegador e do CRVG nos dando a entender que a torcida personifica a história do clube na imagem do navegador, criando um fantasma Vasco da Gama, onde a vida do herói colonial não foi/é necessariamente representada de forma fidedigna e cronológica pelo CRVG mas se mantém viva e recriada pelos torcedores e administradores do clube.

Na tentativa de compreender melhor este paradoxo, com o apoio dos estudos pós-coloniais, recorremos aos estudos de Margarida Calafate Ribeiro que abordam os fantasmas e fantasias das culturas lusófonas, em especial quando esta destaca que o elemento fundante da história portuguesa é a projeção do maior fantasma português (o império) como também projeto a sua maior fantasia (a sua expansão em mapas reais ou literários desenvolvendo um papel messiânico e redentor) (Ribeiro, 2004).

Assim, Ribeiro (2004) afirma que a formação da sociedade portuguesa se deu “convertendo fantasmas em fantasias e fantasias em fantasmas, onde foram sendo criadas imaginários sociais para que as/os portugueses se mantivessem no centro da história (Ribeiro, 2004: 30): ou seja, o intuito é manter a identidade portuguesa composta sempre pelos elementos coloniais sendo sinônimos de conquistas, coragem e superação tentando sempre a manutenção do estatuto de centro.

Tal centralidade, disseminada para o imaginário português nos parece ter sido o elemento motivador para que os fundadores lusodescendentes em 1898 nomeassem o CRVG com o nome do “Heroico Português” como sinônimo de conquista, superação e vitória.

Tal fato, nos elucida para quando o fantasma da modernidade se torna fantasmagoria, estrutura exterior, às vezes alucinada, fantasia que a mesma literatura alimenta em função compensatória, expediente para reimaginar o centro num momento de perifericidade e declínio, fetiche de adoração que relembra uma plenitude perdida.

Na história do CRVG, ao se posicionarem ao lado dos negros, pobres e operários, o clube recriou completamente os elementos coloniais que fundaram o clube, transmutando o lugar de “centro” e do “outro”, fazendo o fantasma do império se transformar aos poucos no Gigante da Colina, recentralizando o elemento colonial sem destruir ou retirar a imagem do roteiro inicial.

Tal fato, nos remete ao conceito de fresta proposto por Simas e Rufino (2018, 2019), o qual comprehende o “projeto civilizatório imposto pelo ocidente europeu” como uma “estrada pavimentada” erguida sob violência e a “transgressão de seus parâmetros é caminho a ser desbravado.” (Simas e Rufino, 2019, p. 41). Na história do colonialismo, além de “genocídios, estupros, assaltos, subalternizações e precariedades”, estão presentes também algumas frestas que permitem “outras formas de aprendizagens articuladas a diferentes possibilidades de circulação das experiências” (Simas e Rufino, 2019, pp. 97-98).

Assim, as frestas são as brechas das fantasias coloniais que permitem aos grupos oprimidos reinventarem os fantasmas coloniais a seu favor, exatamente como os adeptos do CRVG refantasiaram o almirante português Vasco da Gama, promovendo outros caminhos possíveis de um projeto colonial aparentemente inviolável.

Ou seja, a fresta que a torcida cruzmaltina encontrou foi a de não conhecer, ignorar, reimaginar ou até mesmo recriar a história do fantasma colonial Vasco da Gama (Imagen 2) ao mesmo tempo em que fez questão de manter sua imagem e seus elementos, porém de forma fantasiosa.



**Imagen 2.** Quadro do pintor português Veloso Salgado nomeado “Vasco da Gama perante o Samorim de Calecute” (Fonte: Foto retirada via web da Sociedade de Geografia de Lisboa).

A exemplo disto, temos o atual mascote oficial do time - O Almirante (Imagen 3) - popularmente chamado de Almir que anima a torcida, dança com as crianças e sempre se faz presente na rotina do Clube, representando metaforicamente o que seria a imagem do próprio navegador Vasco da Gama. A problemática encontrada aqui é a de que o Almir representa a história do clube e não a do navegador português.



**Imagen 3.** O Almirante apontando para cartaz em função do “Respeito, Igualdade e Diversidade” seguido pela bandeira LGBT no Estádio São Januário (Fonte: Fotos retiradas do Instagram Oficial do Clube de Regatas Vasco da Gama).

Desta forma, as brechas das fantasias coloniais permitiram que os adeptos do CRVG transformassem os 55 anos de vida do navegador Vasco da Gama, conhecido pelos

massacres e violências coloniais nos 127 anos da história do CRVG, caracterizada pelas lutas contra o racismo e a favor das equidades político-sociais, a quais caracterizam o segundo eixo de análise encontrado e que será abordado no tópico a seguir.

### **A Cruz de Malta é o meu pendão: A corporificação do ser Cruzmaltino**

O segundo elemento encontrado neste trabalho, volta sua atenção para o fato de que durante toda a história do CRVG, o protagonismo da torcida organizada juntamente com a luta pelas equidades e títulos conquistados corporificaram a representação do navegador português, bem como os símbolos a ele relacionado como caravelas e cruzes de malta nos produtos, ônibus oficiais, uniformes, mascote oficial, entre outros.

O CRVG é composto por uma torcida organizada protagonista composta majoritariamente por trabalhadores e pessoas que valorizam a luta contra o racismo e contra as desigualdades e injustiças sociais (Calvet, 2021). A torcida cruzmaltina que atualmente se espalha pelo Brasil e pelo mundo tem seu início histórico em 1944 com a criação da Torcida Organizada do Vasco (TOV), por Aida de Almeida e um grupo de amigas que nos anos de 1950 passariam o comando a Dulce Rosalina (Imagen 4) (Hollanda, 2008, p. 107).

Inicialmente, as “torcidas organizadas” possuíam um cunho carnavalesco e familiar, geralmente liderada por um torcedor quase que folclórico que exprimia através do corpo uma “paixão exacerbada” pelo time. Assim, a junção dos elementos carnavalescos com os símbolos e signos cruzmaltinos iniciaram as recriações de fantasias e fantasmas coloniais.



**Imagen 4.** A líder da Torcida Organizada do Vasco (TOV), Dulce Rosalina, segurando um estandarte representando o CRVG (Fonte: Site “NETVASCO”).

Tal cenário se modificou com a implantação da ditadura militar, marcada pela efervescência de protestos, sobretudo, pelos jovens da época, corroborando para a criação de uma nova torcida organizada, o Grêmio Cultural Torcida Organizada Força Jovem, ou simplesmente Força Jovem do Vasco (FJV) em 1970.

Esta, por sua vez, é caracterizada por uma mudança de postura frente às suas agremiações. Como nos afirma Hollanda (2008), o apoio incondicional deixa de ser o objetivo principal e a contestação, o protesto e a pressão para com outras possibilidades de manifestações em relação ao CRVG aparecem como as relacionadas ao mundo do trabalho.

Os direitos trabalhistas, opressões e racismos do cotidiano eram expostos e a FJV reivindicava melhores condições de vida para os torcedores tanto na vida cotidiana quanto nas estruturas administrativas e físicas do CRVG. A FJV, além de organizar de forma mais autônoma suas reivindicações iniciou uma série de eventos próprios, por vezes educativos, por vezes suscitando as brigas em estádios.

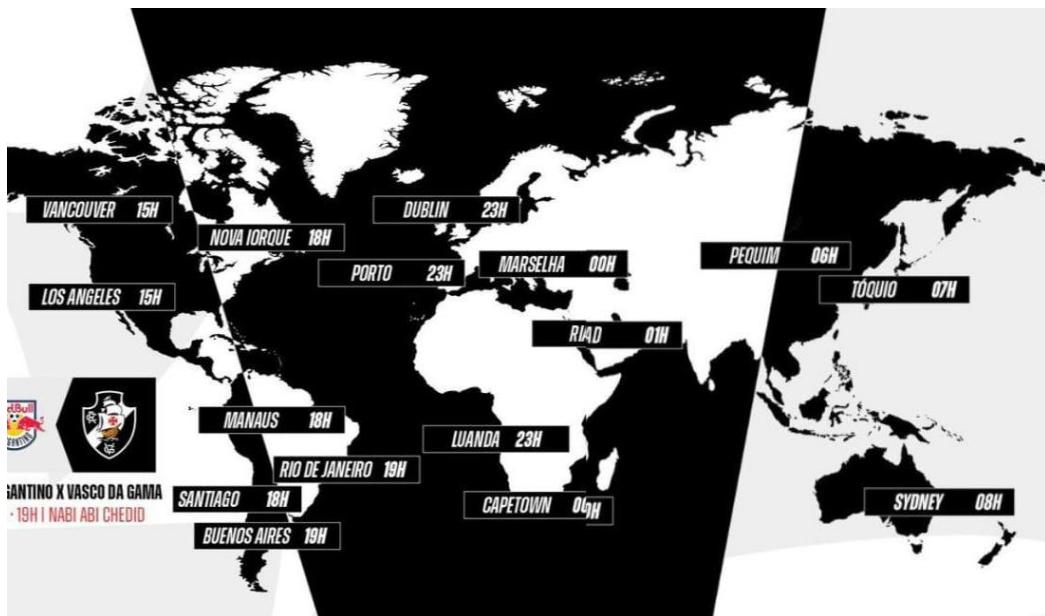
O que nos leva a reafirmar que os torcedores cruzmaltinos são diversos e nem sempre vinculados a uma torcida auto-organizada, entretanto as reivindicações em relação as equidades fizeram com que o CRVG, através do departamento de “História e Responsabilidade Social” iniciasse uma série de projetos e ações para atender as reivindicações de seus torcedores, estes com nomeações que expressam a referida duplicidade.

A exemplo, temos o: a) **Vasco da Gama Social**: um programa que oferece atividades esportivas gratuitas para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, onde a imagem do navegador é enfatizada; b) **Cruzada Vascaína**: um projeto que oferece apoio escolar, cursos profissionalizantes, atendimento médico e odontológico, além de incentivar a prática esportiva como forma de desenvolvimento pessoal. Neste, o termo “cruzadas” faz alusão as expedições do navegador.

Outro exemplo, é o do evento “Cidadania Vascaína”, onde o Estádio São Januário é adaptado para ofertar ações sociais como a possibilidade de emissão de documentos, conversão de união estável em casamento civil, vacinação, testagem para HIV, orientações sociais, serviços de barbearia, trancista e orientação profissional.

Neste, o termo “cidadania” visa reforçar a contribuição social do CRVG para com seus torcedores, os quais se mantiveram mobilizados e comunicativos com o clube fazendo com que em 2019, o Vasco se tornasse o clube com mais sócios do Brasil e figura no top-5 de clubes com mais associados no mundo. (Vasco, 2024).

Ou seja, enquanto no Rio de Janeiro a casa do Clube continua a ser o Estádio de São Januário, utilizado e ocupado pelos torcedores, a quem deve sua construção e manutenção, os demais locais utilizados como pontos de encontro dos torcedores para convivência são chamados de Capitanias (Imagen 5), fazendo alusão as conquistas coloniais do navegador Vasco da Gama, inclusive um mapa que tem Portugal como centro é compartilhado no Instagram oficial com o intuito de informar o horário de uma partida futebolística e os respectivos horários em cada capitania.



**Imagen 5.** Mapa com Fuso-horário para informar o horário de um dos jogos da Copa do Brasil de 2023 para os torcedores ao redor do mundo (Fonte: Foto retirada do Instagram Oficial do Clube de Regatas Vasco da Gama).

Assim, tanto no São Januário quanto nas capitâncias os elementos ambíguos do clube são reforçados através da publicação de datas comemorativas e ações realizadas em função das equidades. Além do que, os torcedores do Rio de Janeiro e do redor do mundo organizam eventos culturais como samba, funk e pagode, onde são expressadas as paródias e gritos de guerra como o “Casaca”, “nasci para te seguir” (Vasco, 2019) e

“sempre estive contigo” (Vasco, 2021) que contam a história e legado do clube, das torcidas e dos jogadores que fizeram história no CRVG.

Mesmo que composta de forma diversa, nos pareceu que as torcidas cruzmaltinas compostas por pessoas de todas as cores, idades, religiões e sexualidades, como um todo corporificam o processo fantasioso de ser vascaíno através de um discurso duplo de valorização do contexto econômico do clube português que para progredir precisou dos subalternizados e ex-colonizados, além do que, teve através de suas diferentes torcidas organizadas o apoio financeiro e braçal para continuar a fazê-lo.

Tal fato, nos remeteu aos estudos sociológicos do corpo que o compreendem como sendo o principal meio de estabelecer interações sociais e esportivas. O corpo é entendido como o “vetor semântico” que media e constrói as relações do homem com o mundo: compreendendo a existência humana como corporal.

Assim, o ser “vascaíno” ou “cruzmaltino” ocorre através do “enraizamento físico do ator no universo social e cultural” (Le Breton, 2007, p. 99), onde, após o indivíduo por seus familiares, amigos, local de nascimento e/ou meio onde vive ser influenciado a torcer pelo CRVG, este incorpora os valores e discursos, muitas vezes, realizando também, modificações no corpo através de tatuagens e/ou utilização de vestimentas e acessórios vinculados a imagem do navegador Vasco da Gama e do CRVG.

Afinal, a corporificação dos torcedores e torcedoras cruzmaltinos vai de encontro com as ambiguidades presentes no discurso do CRVG, onde as formas de ser “vascaíno” trarão ao corpo uma corporeidade que para David Le Breton (2007) significa o papel do corpo no processo de se tornar sujeito frente a união dos fatores sociais, culturais, políticos e biológicos.

De forma complementar, Gomes (2017) acrescenta que a corporeidade se vincula à expressão cultural, sobretudo quanto às diversas práticas corporais que contêm uma rede de significações. Nesse caso, a corporeidade está ligada a uma construção de linguagens próprias, com signos e símbolos que permitem a comunicação de sua existência e de suas urgências no mundo (Sampaio, 2005).

Sendo a corporeidade o agir no mundo, fazendo-se valer de uma relação construída juntamente com outros corpos e com o mundo que os cerca (Silva, 2015), a corporeidade vascaína se torna o conjunto entre as resistências políticas com o aproveitamento dos elementos coloniais que façam sentido para o referido grupo, onde

a manutenção da convivência e dos eventos realizados em São Januário e/ou das capitarias, bem como o protagonismo como torcedor auxiliam nesta corporificação do que é ser vascaíno.

Sendo assim, concordamos com Pais (2006, p. 47), quando este afirma que as corporeidades dos torcedores não se tratam de “meras formas de gestos corporais. O corpo é um instrumento de comunicação num espaço de interação”. No que se refere a torcidas organizadas, podemos citar ainda Toledo (1996, p. 52, grifo do autor), que vai falar em “marcas distintivas dos grupos, [...] marcas de identificação, visibilidade e oposição entre torcedores e as Torcidas Organizadas”. O autor nesse ponto se refere mais a vestimentas, faixas, bandeiras, símbolos, nomes, apelidos, mas podemos incluir aqui também a corporeidade específica de cada uma dessas identidades torcedoras.

No caso das torcidas do CRVG, as corporificações de suas vestimentas e modificações de seus corpos fundem os símbolos, signos, estéticas, fantasmas e fantasias presentes na existência do CRVG. A exemplo, temos as tatuagens do navegador Vasco da Gama, das caravelas, da Cruz de Malta e demais símbolos coloniais eternizados nas peles que transformam o fantasma em “gigante da colina”.

Assim, os torcedores e torcedoras do CRVG corporificam o ser vascaíno, ou cruzmaltino, através de uma fusão de elementos coloniais e contra coloniais que dividem espaço desde sua fundação.

### **A tua glória é a tua história**

O terceiro eixo de análise, a pesar de estar separado, é inteiramente ligado aos dois anteriores, pois além da torcida organizada a todo tempo reviver a história do CRVG enfatizando, a presença de jogadores, torcedores e administradores advindos das classes trabalhadoras e/ou de raça negra, esta também demonstra seus processos de corporeidades através da mesma.

Inicialmente, vale destacar que toda a história do CRVG além de possuir documentações em jornais, trabalhos acadêmicos e arquivos do clube, é cronologicamente organizada na “linha do tempo” presente no site oficial através da sessão nomeada “história”, estando presente também nas demais redes sociais.

Em relação a isto, mesmo que não seja nossa intenção descrever a história do CRVG, é importante destacarmos que antes da existência do CRVG, no Rio de Janeiro, havia uma linha imaginária que separava os grandes clubes da Zona Sul – Fluminense, Botafogo e Flamengo – das pequenas agremiações que se espalhavam pelos subúrbios da cidade. O único clube da Zona Norte era o América, representando a elite tijucana. Todos os jogos eram realizados em ambientes de gala, com jantares e festas, em grande parte no estádio do Fluminense Football Club.

A história só se modificou quando em 1923, o CRVG atingiu a Primeira Divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), único campeonato carioca de futebol da elite na época, saindo-se vencedor da disputa. O time era constituído por negros, mulatos e brancos, maioria trabalhadores com pouco recursos, que o CRVG havia recrutado nos campos de subúrbio, numa época em que o futebol era oficialmente amador, o que originou o apelido de “camisas negras”, dado pela imprensa àquele time da Zona Norte, afinal esta época também foi marcada pelas narrações de rádio e televisão em preto e branco.

Entretanto, durante o campeonato, em uma das partidas onde o Flamengo saiu vitorioso, o relato pós-jogo do jornal *O Paiz* de 10 de julho daquele ano, elaborado pelos administradores do CRVG foi o de que:

[...] os torcedores da partida de antehontem, depois da victoria do rubronegro, transformaram a nossa cidade em theatro de scenas bem desagradáveis. [...] Se, porém, a alegria e o contentamento, não passassem dos limites, nada diríamos, pois seria natural. Entretanto, tal não se deu. Vimos passar em frente à nossa redacção, um grupo bem numeroso, levando em sua frente um estandarte, com ditos offensivos e com um tamanco dependurado! E logo atraç aquelle alluvião de torcedores cantando e provocando a laboriosa e grande colônia portugueza de nossa bella capital. Isso não é correcto, e antes de mais nada é incivil e grosseiro. Os portuguezes só honram o nosso paiz, à eles tudo devemos. Correctos e leaes, tem encontrado no nosso seio o melhor acolhimento, e não podem agora, por questões sportivas e somenos importânci, serem alvo para críticas grosseiras. Aqui, pois, os nossos protestos. (Administração CRVG, 1923, p. 9)

Assim, é possível perceber mais uma vez a duplicidade discursiva do CRVG que mesmo na tentativa de se posicionar a favor dos jogadores negros e mulatos reafirma o fantasma do império português. Tal coexistência se deve também ao histórico dos fundadores do CRVG que muitas das vezes dividiam espaços de lazer e de trabalhos com os negros/mulatos e/ou pobres brasileiros (Figueiredo, 2023).

Ainda em relação a mencionada partida, destacamos que os “Camisas negras” saíram campeões e os grandes clubes abandonaram a Liga Metropolitana, em 1924. Fluminense, Botafogo e Flamengo, com apoio do Bangu e do São Cristóvão, criaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). Os estatutos da entidade continham cláusulas nas quais ficava evidente a tentativa de excluir o único time composto por trabalhadores. O impedimento à inscrição de jogadores sem profissão definida e analfabetos tinha como alvo a vitoriosa equipe do CRVG, que reunia negros e pobres. Assim como o voto ao ingresso na AMEA de clubes que não tivessem estádios.

O que parecia ser o fim se tornou o grande triunfo da história vascaína. Para mantê-los no time, os comerciantes portugueses os registraram como empregados em seus estabelecimentos, cumprindo a exigência do anti-amadorismo. Diante da situação imposta, em 1924, o presidente do CRVG, José Augusto Prestes, enviou uma carta à AMEA, que veio a ser conhecida como a "Resposta Histórica" (Imagem 4), recusando-se a se submeter à condição imposta e desistindo de filiar-se à AMEA. A carta entrou para a história como marco da luta contra o racismo no futebol.



**Imagen 6.** Carta conhecida como a "Resposta Histórica", onde o CRVG expõe sua indignação com as condições impostas pela AMEA e se recusa a filiar-se (Fonte: Secção "Linha do Tempo" presente no site oficial do CRVG).

Desta forma, em 1925, o CRVG venceu as resistências da AMEA, conseguiu integrar-se à entidade e voltou a disputar o campeonato contra os grandes times sob a condição de disputar seus jogos no campo do Andarahy.

Além disso, para suprir todas as exigências, a torcida do CRVG construiu seu próprio estádio em dez meses e com dinheiro arrecadado através da 'Campanha dos dez mil' que recebia donativos de torcedores de toda a cidade. Em 21 de abril de 1927, o CRVG inaugurava o Estádio de São Januário, a localidade deu ao CRVG o apelido de "Gigante da Colina" que atualmente originou o bairro popular nomeado "Barreira do Vasco".

Tal momento histórico nos parece ser fundamental para a associação do CRVG com a luta antirracista no futebol. Este é apontado como sendo primordial em inúmeros momentos das redes sociais. Destacamos aqui alguns dos comentários após a comemoração dos 100 anos da resposta histórica no ano de 2024. De acordo com uma torcedora: "[...] único grande do Rio que ao invés de excluir lutou por negros e pobres, orgulho máximo [...]" . Outros comentários similares foram elencados, trazendo à tona que os dados reafirmam as frestas propostas pelas fantasias coloniais, onde a valorização da história de torcedores portugueses, negros e pobres que financiaram a construção do estádio numa época em que os jogadores também negros e pobres viram no futebol uma chance de ascensão social. Isto tudo dentro de um momento político pós escravização em que os valores fantasmas e fantasias coloniais ainda se faziam presentes.

Desta forma, a história do Vasco da Gama é fundamentalmente valorizada pelo seu diferencial onde o protagonismo de sua torcida é caracterizado pelo aproveitamento positivo das frechas coloniais, onde esta é capaz de corporificar diferentes elementos, ora de origem colonial ora voltado para as equidades político-sociais, revisitando as fantasias e fantasmas coloniais a em função de ações político-sociais para além do desempenho futebolístico, onde a todo momento a história do CRVG é escrita sem abandonar seus elementos históricos.

## **Considerações finais**

Por fim, no exercício de analisar como as corporificações do discurso da torcida organizada do CRVG transformou o colonizador Vasco da Gama em símbolo de luta pelas equidades, as fontes nos revelaram que os torcedores e as torcidas organizadas ao longo dos anos fundiram a história do Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG) na figura e imagem do colonizador do índio Vasco da Gama.

Nos pareceu que os torcedores preferiram se utilizar das frechas e alternativas para dar lugar aos negros, mulheres e pessoas LGBTQI's, se utilizando dos jargões e frases de coragem, força e aventura presentes na imagem do navegador, mesmo tendo consciência de que estes termos possuíssem origem colonial.

Além disto, a etnografia virtual também nos revelou que os discursos do clube e dos torcedores nas quatro redes sociais oficiais do CRVG (Instagram, Youtube, site oficial do CRVG e Facebook) destacam que ser vascaíno é corporificar os elementos da história do clube, seja através dos discursos e de uma identidade antirracista bem como vestir e corporificar a “paixão” por este, carregando os símbolos do CRVG em suas vestimentas e/ou tatuando seus corpos.

Além do que, nos pareceu que o grande diferencial do CRVG para com as outras torcidas não se dá somente na forma como as contradições de seus símbolos coexistem, mas sim fazendo com que o fantasma Vasco da Gama permaneça vivo entretanto sob nova roupagem, onde a torcida cruzmaltina recria a todo o tempo símbolos de colonização e violência através de uma história de tradição, memória e luta pelas equidades, devolvendo uma coisa nova ainda em andamento capaz de oscilar o discurso entre a conquista, coragem e força que agora são símbolos de convívios, músicas, festas e construções político-sociais coletivas.

## **Referências**

- Administração CRVG (1923). A INCIVILIDADE dos nossos torcedores. Notas do dia. *O Paiz*, 39(14.142), 9-10. Rio de Janeiro.
- Aragão, A. C. T. de (1871). *1823-1903: D. Vasco da Gama e a Villa da Vidigueira*. Typographia Universal.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

- Calvet, V. S. (2021). *Tua glória é tua glória*. [Produção de episódio-piloto de uma série narrativa de podcasts sobre a história do time de futebol Club de Regatas Vasco da Gama]. [Departamento de Comunicação. Faculdade de Comunicação. Universidade de Brasília].
- Fanon, F. (1999). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA.
- Figueiredo, G. G. (2023). Os homens da colina – a fundação do Clube de Regatas Vasco da Gama em uma análise socioeconômica de seus fundadores. *Revista Ars Historica*, 26, 92-112.
- Fonseca, L. A. da (1997). *Vasco da Gama: O homem, a viagem, a época*. Comissão de Coordenação da Região Alentejo: Expo 98.
- Foucault, M. (2002). *A arqueologia do saber*. Forense Universitária.
- Hollanda, B. B. B. de (2008). O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1988). [Tese de Doutorado em História, - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro].
- Kozinets, R. (1997). Netnography: Inicial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. *Advances in Consumer Research*, 25. <http://research.bus.wisc.edu/rkozinets/printouts/kozinetsOnNetnography.pdf>
- Mendonça, M. M. (2012). *As redes sociais virtuais: Motivos para a utilização pelas organizações no Brasil*. [Dissertação de Mestrado. Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro].
- Minayo, M. C. de S. (2007). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Pais, J. M. (2006). Bandas de garagem e identidades juvenis. In M. R. da Costa, & E. M. Silva, (Eds.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana* (pp. 29-53). Educ.
- Ribeiro, M. C. (2004). *Uma história de regressos. Império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Afrontamento.
- Sampaio, T. M. V. (2005). Gênero e religião – no espaço da produção do conhecimento. In A.S. Musskopt, & M. J. Ströher (Eds.), *Corporeidade, etnia e masculinidade. Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião* (pp. 47-70). Sinodal. [http://dspace.est.edu.br:8000/xmlui/bitstream/handle/BRSIFE/807/Corporeidade\\_Etnia\\_e%25200\\_Masculinidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y%23page=48](http://dspace.est.edu.br:8000/xmlui/bitstream/handle/BRSIFE/807/Corporeidade_Etnia_e%25200_Masculinidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y%23page=48)
- Santana, W. P. (2021). *A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898- 1906)*. [Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].
- Silva, J. G. da (2015). *Corporeidade negra enquanto discurso: Corpo e cabelo como signos de identidade* [Publicação em Acta de Congresso]. CONINTER 3 – Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências e Humanidades, 263-274. Rio de Janeiro. [https://www.researchgate.net/profile/Joyce\\_Goncalves\\_Restier\\_Da\\_Costa\\_So%20uza/publication/322536975\\_Corporeidade\\_Negra\\_enquanto\\_discurso\\_Corpo\\_e\\_cabelo\\_como\\_signos\\_de\\_identidade/links/5%20a5e9bf6aca272d4a3dfc8a8/CorporeidadeNegra-enquanto-discurso-Corpo-e-cabelo-como-signos-de-i%20dentidade.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Joyce_Goncalves_Restier_Da_Costa_So%20uza/publication/322536975_Corporeidade_Negra_enquanto_discurso_Corpo_e_cabelo_como_signos_de_identidade/links/5%20a5e9bf6aca272d4a3dfc8a8/CorporeidadeNegra-enquanto-discurso-Corpo-e-cabelo-como-signos-de-i%20dentidade.pdf)
- Simas, L. A. (2017). *Coisas nossas*. José Olympio.

- Simas, L. A., & Rufino, L. (2018). *Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas*. Mórula.
- Simas, L. A., & Rufino, L. (2019). *Flecha no tempo*. Mórula.
- Soares, A. J. G. (1999). O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: Uma história de identidade. *Revista Paulista de Educação Física*, 13(1), 119-199.
- Teixeira, R. C. (1998). *Os perigos da paixão: Filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. [Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Tibbetts, G. R. (1972). *Arab navigation in the Indian Ocean before the coming of the Portuguese: Being a translation of Kitāb al-Fawā'id fī uṣūl al-baḥr wa'l-qawā'id of Aḥmad b. Mājid al-Najdī; together with an introduction on the history of Arab navigation, notes on the navigational techniques and on the topography of the Indian Ocean and a glossary of navigational terms*. Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland.
- Toledo, L. H. de (1996). *Torcidas organizadas de futebol*. Autores Associados/Anpocs.
- Vasco Tv (s.d.). *Home – Site Oficial do Clube de Regatas Vasco da Gama*. <https://vasco.com.br/linha-do-tempo/>
- Vasco Tv. (s.d.). *Home – Canal Oficial do Clube de Regatas Vasco da Gama*. <https://www.youtube.com/watch?v=NIHLoab6hl0>
- Vasco Tv. (s.d.). *Home – Canal Oficial do Clube de Regatas Vasco da Gama*. [https://www.youtube.com/watch?v=bY6B\\_AXKX40](https://www.youtube.com/watch?v=bY6B_AXKX40)
- Vasco Tv (s.d.). *Home – Clube de Regatas Vasco da Gama*. <https://www.instagram.com/vascodagama/>